

TREZE

MAIO

Publicação nº5 | 2020 | Gabinete de Apoio à Inovação, Transferência, Empreendedorismo e Cooperação da Universidade de Évora



O CAMINHO PARA A NOVA NORMALIDADE

Ausenda Cáceres Balbino

CIMAC: CAPACIDADE DE
MOBILIZAÇÃO DE TODOS
OS MUNICÍPIOS NA
GESTÃO DA CRISE

José Calixto

ARTES E TRANSFERÊNCIA
DE CONHECIMENTO
EM TEMPOS DE CRISE

Ana Telles

//PREÂMBULO

Embora haja várias áreas de atuação do GAITEC que podiam ser abordadas neste número, na sequência da linha editorial proposta inicialmente, e apesar de pretendermos que as edições especiais constituam a exceção e não a regra, o momento único e muito difícil que temos vivido justifica um novo número especial. Desta vez focando a forma como se está a conseguir fazer a gestão da crise que atravessamos num número que poderíamos atribuir o título **Covid-19: como transformar uma crise numa oportunidade de mudança.**

Temos na nossa Universidade vários docentes/investigadores com conhecimento que transferem e/ou podem transferir nesta área. Temos também na nossa Universidade Serviços de excelência que têm desempenhado um papel fundamental neste período. Temos os nossos estudantes que muito têm ajudado na gestão desta crise. E também temos na nossa região pessoas singulares, que podem dar uma perspetiva da crise de um prisma diferente, que muitas lições têm dado nesta área, e que também eles vivem de alguma forma a Universidade de Évora. Todos, de uma forma ou de outra, estão aqui representados. Muito obrigado a quem contribuiu para este número.

Fica a certeza de que muitos mais poderiam aqui estar, dando importantes contributos e mostrando a excelência que existe dentro desta Instituição.

*Paulo Infante,
Pró-Reitor da Universidade de Évora*



//EDITORIAL

O CAMINHO PARA A NOVA NORMALIDADE

Nas últimas semanas a COVID-19 e o consequente confinamento social, súbita e inusitadamente, passaram a marcar o quotidiano de todos nós. Naturalmente, motor de notícias, de debates e de análises. Mortes, eventual colapso dos sistemas de saúde e económico provocaram o pânico generalizado. Mas, a História mostra-nos que somos resilientes. Somos capazes de enfrentar e superar as adversidades. Somos optimistas! Temos confiança!

A evidência é o papel da nossa Universidade na resposta aos desafios colocados diariamente. Sublinhe-se o trabalho de investigadores, docentes e centros de investigação, em perfeita harmonia, colocando o conhecimento e a capacidade instalada na implementação da Unidade de Testes COVID-19. A iniciativa que envolve também a Escola de Enfermagem São João de Deus, permitiu aumentar o número de testes de diagnóstico à COVID-19. Garantiu-se uma maior abrangência populacional, contribuindo, seguramente, para a mitigação da pandemia.

Os Projectos de I&D: o SNS24 SCOUT, que pretende melhorar e agilizar a interação com o SNS e reduzir em 5% o tempo de atendimento da chamada telefónica; o PIC4COVID, que visa desenvolver planos individuais de cuidados (PIC) organizados em função do doente, particularmente, com COVID-19 domiciliados, monitorizados remotamente; estes e outros projectos de investigação patenteiam o papel preponderante do conhecimento no combate à propagação da doença.

A Universidade também não diligenciou o papel social, em momentos de crise. Por isso, lançou em colaboração com o Santander, as Bolsas do Fundo de Emergência COVID 19 UE-Santander, destinadas a apoiar estudantes da Universidade de Évora que, em consequência da pandemia, tenham visto os seus rendimentos decair significativamente; disponibilizou computadores aos estudantes mais carenciados que não dispunham de equipamentos para o ensino à distância; criou a Linha de Apoio Psicológico, destinada a promover a adopção de estratégias para lidar com o isolamento e com o stress causados pelo surto de COVID-19; e lançou várias iniciativas para a amenização do confinamento social, como por exemplo o "Mantém-te Activo"- vídeos de

exercício físico, propostos pelo Departamento de Desporto e Saúde em colaboração com a Universidade Saudável e por último o ART IN.

De referir ainda a proactividade e intervenção do PACT-Parque do Alentejo de Ciência e Tecnologia que, juntou autarquias, empresas e Universidade, na produção de EPI's e de solução alcóolica para higienização. Já foram distribuídos 3000 litros de álcool gel desinfectante e estão em produção cerca de mil viseiras.

É um facto que, perante as crises, temos a capacidade de nos reinventar. Fizemo-lo!

Vamos trilhar um caminho diferente. Uma nova normalidade. Com tenacidade e determinação. Todos juntos!

*Ausenda Cáceres Balbino,
Vice-Reitora da Universidade de Évora e Vice-Presidente do CA/PACT*

// CIMAC: CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÃO DE TODOS OS MUNICÍPIOS NA GESTÃO DA CRISE



Tempos excepcionais obrigam a medidas excepcionais e, como tal, a CIMAC - Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central, desde o primeiro minuto, procurou estar à altura da sua missão e responsabilidade na gestão da crise pandémica provocada pelo surto de COVID-19.

No passado dia 9 de março a CIMAC implementou o seu Plano de Contingência, e estabeleceu as medidas de segurança e prevenção necessárias de acordo com as diretrizes fornecidas pela Direção-Geral de Saúde.

Desde cedo compreendemos a importância de uma atuação concertada entre as várias entidades regionais envolvidas neste processo, e foi nesse sentido que procurámos desde logo analisar em conjunto todos os aspetos a ter em conta.

Ao longo dos últimos dois meses, a região do Alentejo Central tem-se mostrado uma das regiões onde a situação epidemiológica está mais controlada. Não obstante isso, a CIMAC

e os seus 14 municípios associados entenderam que não poderiam reduzir esforços e que a melhor estratégia seria antecipar cenários de maior complexidade, para em caso de necessidade, estarmos devidamente preparados para tal.

Nesse sentido, a CIMAC e os seus municípios associados, com o apoio de vários particulares, conseguiram reunir uma verba que permitiu a aquisição de 6 ventiladores para o Hospital do Espírito Santo de Évora, bem como a aquisição de Equipamento de Proteção Individual destinado aos municípios e IPSS da região.

Uma medida também relevante para a região foi a parceria entre todos os municípios que integram a CIMAC, o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social e a Universidade de Évora, que irá permitir a realização de cerca de 6500 testes à COVID-19 a funcionários e utentes das Estruturas Residenciais para Idosos e Creches.

Apostámos igualmente na criação de condições logísticas que permitiram fazer chegar à nossa região alguns equipamentos e produtos estratégicos para o combate à propagação do vírus. Um exemplo muito significativo foi todo o tratamento do processo de importação e transporte a partir da República Popular da China de 20 mil zaraga-toas, adquiridas pelo Hospital do Espírito Santo de Évora.

Importa destacar o papel absolutamente fundamental que os municípios têm tido e

continuarão a ter no apoio às suas populações nesta fase, bem como no processo de sensibilização para a importância das medidas de autoproteção que são necessárias manter, sobretudo na fase do desconfinamento.

A COVID-19 colocou todas as estruturas organizacionais perante vários desafios, desafios esses que irão certamente permanecer por mais algum tempo e que a CIMAC e os seus municípios associados esperam superar de forma exímia.

A toda a população, uma palavra de apreço pela disciplina revelada até agora e que, certamente, manterão nesta fase muito difícil do desconfinamento.

Aos profissionais que combatem na linha da frente, o nosso forte agradecimento e total disponibilidade para apoiarmos com tudo o que está ao nosso alcance.

*José Calixto,
Presidente do Conselho Intermunicipal do Alentejo Central*



//ARTES E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO EM TEMPOS DE CRISE



Por natureza, as Artes assentam na expressão emocional do indivíduo. Para serem expressão, requerem aturada prática, reflexão e pesquisa, sobre métodos, processos, formas, enquadramentos; por serem expressão, é-lhes inerente um ato fundamental de comunicação com o outro.

Ao expressarem emoções e estados de alma próprios, proporcionam um percurso que, sem abuso, se pode considerar terapêutico, e como tal tem sido reconhecido por diversas organizações da especialidade; a própria emergência da arte terapia assenta nesse pressuposto.

A expressão artística resulta, em primeiro lugar, de uma necessidade individual que, no entanto, é sentida universalmente, pelo menos desde que o Homem se lembra de o ser, e em qualquer ponto do planeta. Por outro lado, resulta também de uma necessidade coletiva, de cariz identitário. Por isso, é global, mas fundamentalmente plural e diversa.

Enquanto formas de expressão emocional individual, as Artes constituem manifestações privilegiadas da criatividade, poten-

ciando a capacidade de reinvenção e regeneração, não só daqueles que as praticam, como também (de modo diferente) dos que delas desfrutam. Por implicarem um contínuo processo de construção e reconstrução - no aperfeiçoamento de técnicas e objetos, mas também, e fundamentalmente, do próprio ser -, promovem a resiliência e estimulam a capacidade de resposta em situação de crise. Enquanto veículos privilegiados de comunicação, têm a extraordinária capacidade de ligar as pessoas, criando vínculos tanto mais fortes quanto intrínsecos.

Por tudo isto, proclamam valores fundamentais que, em tantas circunstâncias do presente e do passado recente, vimos perigar.

Quando consideramos o impacto da atual crise pandémica nas Artes, devemos ver simultaneamente um grande constrangimento e uma extraordinária oportunidade. Um pouco por todo o mundo, o sector das Artes e da Cultura foi profundamente afetado, tendo visto agravar-se notoriamente a precariedade que, em grande medida, já o assolava; a necessidade de uma nova consciência social (e da correspondente vontade política), que contribua efetivamente para a criação de um modelo sustentável no período que se seguirá à crise sanitária ainda em curso, torna-se especialmente premente.

Apesar disso, as Artes têm dado um contributo permanente, massivo, incansável para que cada um de nós possa suportar o

confinamento a que tem estado sujeito; multiplicam-se as iniciativas de cariz artístico (desde os telhados dos prédios urbanos aos mais exíguos espaços residenciais): vemos filmes e concertos, partilhamos playlists, frequentamos exposições virtuais, e tanto mais que não caberia aqui enumerar... Os modelos de apresentação anteriormente comuns e aceites foram reinventados, adaptados às possibilidades que oferecem as tecnologias de comunicação e informação, talhados à medida das potencialidades da parafernália de redes sociais, plataformas e outros meios de partilha de que dispomos nos dias de hoje.

A Escola de Artes (EArtes) da Universidade de Évora (UÉ) associou-se, naturalmente, a esse movimento global. Quando os nossos estudantes criaram, há dois anos, uma nova imagem visual para o Museu Virtual da Biodiversidade, não podíamos imaginar que o modelo inovador dessa plataforma viria a tornar-se, pouco tempo depois, uma necessidade para a maioria dos museus do mundo inteiro. Também não sabíamos que seríamos levados a ponderar, como agora, a realização de exposições virtuais de trabalhos de alunos, sejam eles de Artes Plásticas, Multimédia, Design, Arquitetura, ou a reconfigurar, para modelos comparáveis, espetáculos de Teatro e Música.

Quando, em colaboração com a Santa Casa da Misericórdia de Alcáçovas, desenvolvemos em 2019 o projeto *Todos a Chocalhar*, vocacionado para o bem estar, através da prática musical, das populações seniores, não fazíamos ideia de que, poucos meses mais tarde, seríamos chamados a proporcionar experiências de fruição artística -

à distância - a um conjunto bem mais alargado de indivíduos, de diversas idades, sujeitos a novas preocupações e inéditas dificuldades. Surgiu assim, em associação com a Universidade Saudável de Évora, o projeto Art IN, que se encontra atualmente na sua sétima semana consecutiva de programação, lançando conteúdos de índole artística a ritmo diário nas redes sociais da UÉ; a iniciativa, estruturada em dias dedicados a cada uma das cinco áreas artístico-científicas da EArtes (Design, Música, Arquitetura, Teatro e Artes Plásticas), pretende contribuir para o alívio do stress psicológico gerado pela atual conjuntura junto da comunidade académica da UÉ, com impacto extensível a nível nacional.



Complementarmente, será lançado esta semana o projeto *Da minha janela... Aves e Música em tempos de confinamento*, através do qual a UÉ estará presente nos meios de comunicação da RTP - Antena 2 (particularmente na respetiva página da internet). Resultante de uma colaboração entre a EArtes e a Escola de Ciências e Tecnologia (ECT), esta série de mini-programas semanais, em formato vídeo, a difundir durante os próximos meses, assenta na

evocação das aves, enquanto símbolo por excelência da liberdade, e na fruição de obras da tradição musical erudita europeia. Visa proporcionar uma "janela" de evasão que permita aliviar os efeitos negativos do confinamento, por um lado, mas também promover uma consciência ecológica, cuja emergência tem sido cabalmente demonstrada pela crise atual.

Há ainda a referir o desenvolvimento, em curso, de uma aplicação de apoio às vítimas de violência doméstica, concebida e desenhada por estudantes e docentes da EArtes, que conta com o apoio e o patrocínio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Sabendo quanto, infelizmente, os indicadores desta forma de violência têm aumentado durante o período de confinamento, torna-se ainda mais pertinente a implementação desta solução, que esperamos poder anunciar em breve.

*Ana Telles,
Diretora da Escola de Artes da Universidade de Évora*



// COVID-19 UMA OPORTUNIDADE PARA O MARKETING DAS CAUSAS



Atualmente, a preocupação geral centra-se na saúde de todos e na forma como todos temos de ser responsáveis pela nossa segurança e pela dos demais. Esta nova vivência comunitária não tem passado ao lado das empresas, que em conjunto ou isoladamente, têm desenvolvido ações que contribuem para a prevenção, controle e informação acerca da nova realidade que todos vivemos. Para além disso, muitas empresas tiveram de adaptar a sua atividade à nova realidade, mudando as formas de produzir, de comunicar e de fazer chegar os seus produtos e serviços aos consumidores.

Neste contexto é visível vemos surgirem muitas ações que se enquadram no marketing de Causas. Esta área do marketing procura associar uma empresa ou marca a uma questão ou causa social relevante, com benefício para toda a sociedade e para ela própria. Foi desta forma que nos últimos 2 meses muitas foram as empresas que doaram álcool, gel desinfe-

tante, viseiras, máscaras, E, ainda, as que alteram os seus circuitos de produção para produzirem esses mesmos produtos em prol desta situação preocupante para todos. Desta forma, conseguem gerar empatia e humanização nas ações que desenvolvem, o que se reflete de forma positiva sobre o seu público-alvo. A associação a estas ações contribui para o posicionamento da empresa ou da marca junto do público-alvo criando desta forma uma identidade de comunidade e de preocupação com o bem-estar de todos.

Contudo, não nos podemos esquecer que o objetivo do marketing de causas é comercial e que esta ferramenta do marketing promove uma troca de benefícios entre a empresa e o público/instituições, sendo muito importante que a estratégia tenha um objetivo legítimo, consciente e sustentável.

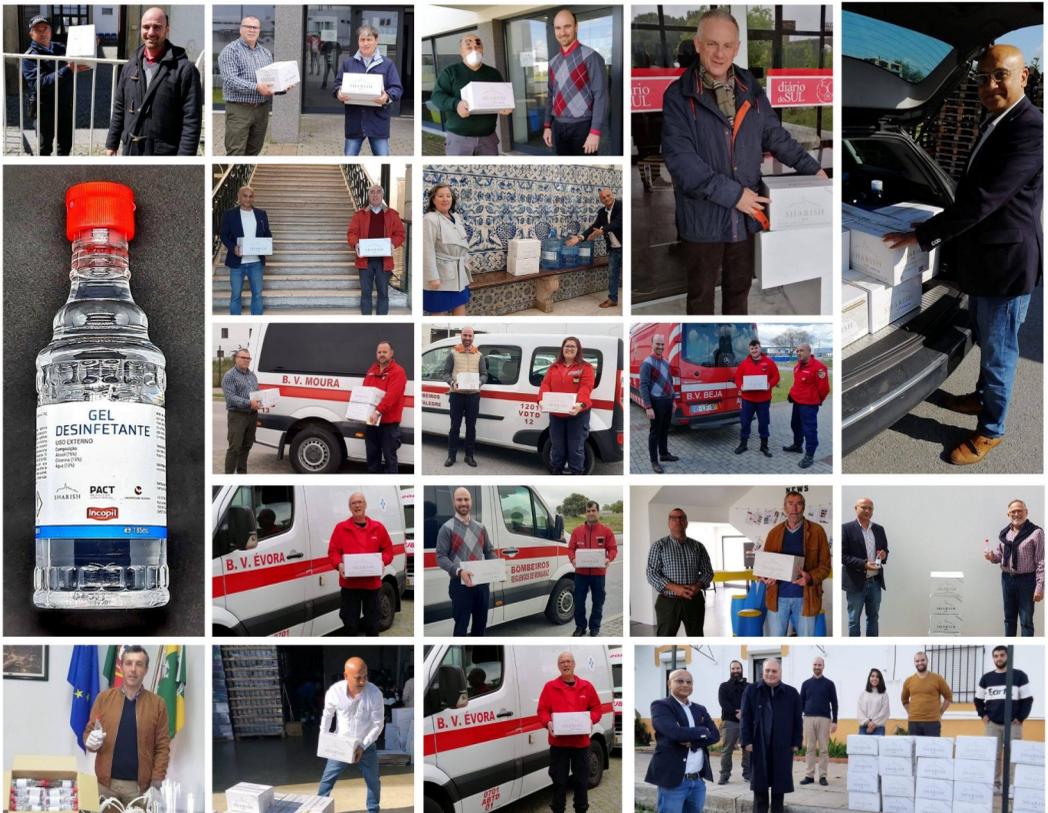
Neste contexto, a comunicação, parte da empresa acerca das ações levadas a cabo, é muito importante para dar visibilidade e notoriedade. Só desta forma se consegue gerar um diferencial na credibilidade da empresa que no futuro será levado em conta, pelos consumidores na hora da compra.

Entra-se assim, noutra área do marketing, a da comunicação e do marketing digital. As empresas têm de dar visibilidade às ações desenvolvidas, logo têm de informar o público! Devem fazê-lo através de uma presença ativa nas redes sociais, nas páginas web, nas plataformas *online*, no e-mail marketing, nos SMS criando uma ligação constante à sua audiência. Associado a muitas destas ferramentas vem o poder do audiovisual, que

na sociedade em que vivemos é muito forte e ainda maior neste momento de isolamento social.

O recurso à comunicação digital com os conteúdos das ações desenvolvidas demonstra empatia e o quanto a empresa está preocupada com o bem-estar de todos, mesmo que não sejam clientes.

Marta Silvério,
Pró-Reitora da Universidade de Évora



// A SOBREVIVÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR ESTÁ NA GLOBALIZAÇÃO ENTRE GERAÇÕES



É evidente por demais relatar que estamos em período de adaptação. Mas também é evidente relatar que o estudante, pela sua visão e adaptabilidade, é sempre atual. Os estudantes irreverentes e revolucionários dos tempos da crise académica de 1969 não são os mesmos, mas estes outros são, nesta questão de gestão de crise, tão capazes e eficazes à sua maneira.

Do ponto de vista da pandemia esta geração mostra-se mais inclusiva, eclética e promotora de soluções. Existiu uma obrigatoriedade de evolução rápida sem recorrer a testes de campo ou experiências e os estudantes universitários viraram facilmente para o mundo do ensino superior no digital, na vídeo-aprendizagem e no mundo online que era exatamente onde já estava.

Em tempos de tecnologia, a Universidade estará mais que preparada do lado dos jovens, mas se os docentes do Ensino Superior são investigadores, se aplicam os métodos de didática e se atualizam, bastará que se revelem ágeis na sua aprendizagem para completar o círculo. Não existissem

problemas socioeconómicos e de acesso a materiais e dispositivos informáticos o maior constrangimento é, sem dúvida, quando um docente debita e não ensina e nos mostra que teremos num futuro pós-COVID-19 aulas presenciais práticas insubstituíveis e, fora do ensino superior, muitas quantas "boas formações" digitais da parte teórica.

A questão mais delicada prende-se, portanto, em fazer da "parte teórica" aulas práticas, com real interação docente-estudante, manuseamento de materiais, com aplicação de técnicas não-formais e fazer do Ensino Superior um sítio onde a presença física seja insubstituível. Não deixemos que o português deixe de ser, uma referência internacional de experimentação e de "mãos na massa", pela forte capacidade de socialização, costume e cultura de família e amigos e pela forma como o nosso ensino impacta a nossa educação.

Dirão os jovens que, se "se aprende na net" então para quê "ir à escola"? Falamos muito de globalização, não esqueçamos a sua vertente de disseminação de conhecimento e partilha entre gerações. Onde os "não-tão jovens" precisam de acompanhar e aprender este novo mundo, mas onde os estudantes continuam a precisar dos docentes para serem capacitados e para que os possam ultrapassar. Não faremos desta crise uma revolução negativa para o ensino superior presencial.

*Manuel Marchante,
Provedor do Estudante da Universidade de Évora*

//RETOMA TURÍSTICA. PARA QUANDO?



Desde o primeiro momento que a Turismo do Alentejo assumiu como premissa qualificar o destino, atribuindo-lhe valores e ofertas diferenciadoras, capazes de abranger segmentos e motivações tão diversificadas, quanto os mutáveis interesses dos mercados turísticos.

Alavancados em valores como a qualidade, excelência, disrupção, inovação e qualidade temos vindo a construir um destino reconhecido,

dentro e fora de portas, onde todo o segmento se tem vindo a reinventar, sem deixar marcas de descaraterização territorial.

Dos serviços, ao património imaterial e edificado, o setor tem vindo a imprimir garantias na sua oferta, tendo assim conseguido elevar-se ao patamar da região que mais cresceu turisticamente nos últimos anos. Alcançou-se um lugar no top dos melhores destinos turísticos, mas também a sustentabilidade económica - através dos muitos milhares de postos de trabalho criados - e ambiental, por via do projeto de certificação *Biosphere* que abrange as unidades de alojamento da região.

Os "segredos" e a beleza das nossas paisagens foram postas a "descoberto", ganharam forma projetos como os "Caminhos de Santiago Alentejo", e outros como a Rede de *Cycling*, os Centros de BTT ou a Rota do Património Cultural e Imaterial que, em fase de implementação, darão ainda mais "vida" a uma região que, de modo "quase inconsciente", parece ter antecipado tempos que apanharam de surpresa o mundo e colocaram uma barreira, ainda sem data para derrubar, aos aglomerados, "obrigando-nos" assim a escolher a distância, a natureza e a segurança.

Estruturados que estão os produtos, urge agora, nesta gestão de uma crise imposta por um inimigo invisível e mutável, garantir a segurança dos nossos e dos que nos visitam. Torna-se necessário implementar uma nova sustentabilidade: a sustentabilidade sanitária.

O trabalho está em andamento. Em parceria com instituições com *know how*, nos hotéis, turismos rurais, alojamentos locais, empresas de animação turística e restaurantes da região irão ser implementadas medidas sanitárias que zelem pela saúde dos funcionários e visitantes.

O turismo é um setor em constante mudança. Só em permanente reinvenção se cresce, se obtém resultados e se atinge o topo da preferência dos turistas. Nestes tempos de crise mundial, o Alentejo, mais uma vez, está a trabalhar para se manter na linha da frente de premissas agora tão relevantes como a segurança sanitária, que permitirão a todos ter condições para continuar a usufruir de um destino tão singular.

António Ceia da Silva,
Presidente Turismo do Alentejo, ERT

// A CONTRIBUIÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EM AGRICULTURA, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

Muito tem sido escrito nestes últimos dois meses sobre a crise causada pelo vírus COVID-19 e os efeitos com que vamos ter com que nos confrontar, como sociedade e como indivíduos. Uma das grandes questões é a dos riscos, que talvez ainda não saibamos avaliar, que representa a crescente globalização da produção, dos mercados, das pessoas. Em consequência, sendo a segurança alimentar e nutricional uma questão central ao bem estar das sociedades, cresceu a atenção sobre as alternativas que podemos ter, ou desenvolver, aos circuitos alimentares globais. Parece ser consensual que teremos que nos esforçar para um maior grau de autonomia alimentar, o incremento da produção alimentar nacional e dos circuitos alimentares mais curtos. Mas para que isso se consiga, e para que seja sustentável a longo prazo, não basta aumentar a procura. É fundamental pensar estrategicamente na produção agrícola em Portugal, no uso o mais eficiente possível dos recursos que são frágeis e escassos, e para isso, incorporar o conhecimento nas práticas, muito mais do que tem sido feito até hoje.



O MED - Instituto Mediterrânico para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento, tem como objectivos: 1) melhorar a eficiência dos fatores de produção para uma agricultura mais competitiva; 2) melhorar a sustentabilidade dos sistemas alimentares, considerando todas as dimensões da cadeia de alimentos e a preservação da dieta mediterrânica; 3) assegurar a conservação da biodiversidade e a multifuncionalidade da paisagem; 4) promover a capacidade organizacional, aumento da competitividade, e coesão social e territorial; 5) identificar caminhos para a resiliência e adaptação às alterações climáticas. O nosso papel é o de desenvolver investigação que procura responder a questões que se colocam na prática.

Como exemplo, sabemos que no Alentejo, uma questão fundamental para esta construção é a do uso e qualidade do solo e da água. "A conservação do solo e da água (CSA) é uma tecnologia

complexa mas fundamental, da qual depende estreitamente a sustentabilidade da atividade agrícola. Fundamenta-se a CSA num conjunto de atividades e técnicas que essencialmente procuram manter o teor de matéria orgânica do solo (se o teor já for elevado), e aumentar sempre que o valor for baixo (que é a realidade na generalidade do território), pois deste teor dependem propriedades essenciais como a estrutura, a porosidade, a infiltrabilidade, a retenção da água e a sua circulação no solo, a resistência à erosão, a retenção de nutrientes e a nutrição das plantas, a imobilização do carbono e a biodiversidade do solo, o controlo da salinidade e da alcalinidade do solo. A matéria orgânica do solo, as suas características e as tecnologias para a sua conservação e manejo terão, pois, de constituir um capítulo, essencial na fundamentação de uma estratégia para a gestão da água. Aliás, pode agora observar-se que a gestão da água é, de facto, em larga medida, a gestão do próprio solo" (in: Ricardo Serralheiro e Mário de Carvalho, 2020, Elementos para uma estratégia de gestão da água na agricultura).

Temos o conhecimento, e podemos contribuir para que esta crise seja a oportunidade de rever a agricultura que temos e começar a construir um sector mais forte e ao mesmo tempo mais sustentável, que contribua para a coesão do território. Se para isso houver a necessária vontade política.

*Teresa Pinto Correia,
Diretora do MED*



//A CONTABILIDADE NA GESTÃO ANTES, DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA: A INVESTIGAÇÃO, O ENSINO E A PROFISSÃO

Antes da crise

A contabilidade produz informação que apoia a tomada de decisão na Gestão das organizações. Quando, quanto e como produzir, que mercados satisfazer e como os alcançar, que preços praticar, quantos colaboradores contratar, quais os impostos a pagar, são apenas algumas das questões que se colocam na Gestão das organizações. A informação contabilística e financeira dá respostas a estas questões e suporta as opções tomadas, contribuindo para uma Gestão sustentável. Daí que na base de qualquer curso superior nas áreas de Economia e de Gestão esteja uma sólida formação em Contabilidade, exigida para a compreensão, interpretação e análise das matérias subsequentes, e indispensável ao sucesso no exercício de qualquer atividade ou profissão ligada a estes domínios.

Conscientes desta realidade e como forma de sensibilizar os alunos para a importância dos temas e conceitos teóricos fundamentais da Gestão, através da demonstração da sua aplicabilidade em contexto real, estando ainda distantes da atual crise económica, recebemos no passado mês de fevereiro, a Bastonária da Ordem do Contabilistas Certificados (OCC) numa Aula Aberta na UÉ. Em diálogo com Estudantes de Gestão e Economia, Paula Franco, alertava para a crescente importância das matérias contabilísticas nas formações em ciências empresariais e económicas. Salientava ainda a relevância dos conhecimentos de fiscalidade como uma competência diferenciadora dos futuros licenciados nestas áreas e reforçava o posicionamento favorável dos jovens universitários face aos desafios da era digital. Falava-se do futuro próspero que esperava aqueles Estudantes, procuravam-se respostas aos seus anseios e expectativas, quer sobre o exercício desta profissão, quer sobre o papel que poderiam vir a desempenhar enquanto futuros profissionais na Economia digital e global.

Durante a crise

Em tempo de pandemia, com a Economia destroçada, com vários setores paralisados os Contabilistas estão na linha da frente, apoiando os empresários na administração dos seus negócios, seja qual for o setor, a dimensão e a atividade em questão. Nestes tempos, mais do que nunca, a sobrevivência de muitos negócios depende da qualidade da informação que apoia a decisão, da ação rápida e de respostas eficientes. O Contabilista é atualmente, em muitas destas empresas, o único colaborador com os conhecimentos técnicos necessários para apoiar a tomada de decisão na Gestão, no dia a dia. A Gestão corrente depende, em muito, não só da informação produzida por estes profissionais como também da articulação que eles estabelecem entre as empresas e o Estado, dando resposta às suas múltiplas, crescentes e cada vez mais exigentes solicitações. Esta já era a realidade antes da crise económica despoletada pelo COVID-19.

Hoje todos assistimos às frequentes intervenções da Bastonária da OCC nos meios de comunicação em defesa dos interesses não só da classe profissional que representa, mas

também dos empresários portugueses. Hoje mais do que nunca percebemos o quão importantes são estes profissionais e o quanto dependem aqueles noventa e muitos por cento de empresas que compõem o nosso tecido empresarial, do seu apoio. Hoje percebemos também que não são só as empresas que necessitam dos Contabilistas, mas também o Estado pois sem estes não seria possível caminhar tão rapidamente no encontro de soluções e evoluir na resolução dos múltiplos problemas que se colocam. Há até quem intitule os Contabilistas de "funcionários públicos", tal é o seu empenho na pronta colaboração e na rápida resolução.

Durante a crise da Economia, a Gestão requer aptidões e competências que apesar de irem muito além das técnicas, algumas são há muito adquiridas nas universidades e praticadas nas formações destas áreas. Aos empresários, administradores e gestores exige-se uma capacidade de adaptação permanente, de motivação pela aprendizagem continuada, de resiliência, serenidade, responsabilidade e confiança. São também fundamentais as capacidades de inovar e se reinventar, de procurar soluções novas adequadas às novas necessidades, decorrentes dos tempos de crise e, sobretudo, depois da crise. A redefinição de estratégias a que os empresários se veem obrigados, e a sua operacionalização, impõem o aconselhamento do Contabilista o tal colaborador que detém o conhecimento necessário à produção de informação que irá viabilizar, ou não, as opções a ponderar, os caminhos a trilhar e as ações a concretizar.

Depois da crise

As Universidades têm um papel de relevo na formação dos jovens que irão ser chamados a dar o seu contributo na era pós COVID-19. A aposta numa formação superior sólida na área da Gestão será uma arma crucial para as gerações futuras, seja qual for o setor ou atividade em que venham a exercer a sua profissão. Mais do que investir numa área específica do conhecimento, o investimento em áreas científicas como a Gestão e a Economia revela-se decisivo para a reativação, recuperação, e estabilização da atividade económica. As formações superiores mais específicas, que incidem em determinados setores de atividade, irão necessitar, cada vez mais, de formação complementar em Gestão, em geral, e, em particular, de conhecimentos que lhes permitam o diálogo e o entendimento com os Gestores, os Contabilistas e com o Estado, indispensável à retoma e prosperidade dos vários setores da Economia.

A ligação entre a investigação e o ensino, e entre estas e o exercício da profissão é outro dos pontos fundamentais à recuperação e estabilização económica. A busca de justificações, relações e variáveis explicativas, modelos de comportamento que nos permitam tirar conclusões, antecipar soluções, construir pontes, criar novas ferramentas e, sobretudo, melhorar a informação que suporta a tomada de decisão, deverá ser uma prioridade da investigação e do ensino e deverá funcionar como alavanca, elemento potenciador, na procura de respostas para um novo ciclo de crescimento e inovação e para os novos desafios que lhe sucederão. Cabe à investigação, nos domínios da Gestão e da Economia, o contributo para a definição de modelos de crescimento novos, mais sustentáveis, e de propostas de políticas públicas com vista ao desenvolvimento desses novos modelos.

A abertura do acesso à profissão de Contabilista, aos licenciados em Gestão e Economia que possuam formação sólida em contabilidade e fiscalidade, revela-se agora uma exigência para a recuperação e estabilidade da Economia nacional. As alterações nos requisitos, até agora exigidos pela OCC, para a entrada nesta profissão é uma medida que irá enriquecer a própria profissão dada a formação holística destes licenciados.

Em suma, os Contabilistas foram, desde sempre, uma peça chave nas recuperações económicas posteriores às crises vividas no passado. Hoje, uma vez mais, constatamos que são estes que assumem a responsabilidade de apoiar os empresários, com graves e inúmeras dificuldades, e de agir, de modo a contribuir para a resposta às múltiplas solicitações do Estado. Contudo, importa sublinhar que, no futuro esta continuará a ser uma profissão de elevada responsabilidade. A investigação desenvolvida e formação ministrada no ensino superior é determinante para que sejam ultrapassados os obstáculos e vencidos os desafios de uma nova normalidade. Será não só reconhecido, mas sobretudo valorizado o investimento em competências nas áreas da Contabilidade e da Fiscalidade, decisivas para o sucesso de qualquer profissional das áreas da Gestão e da Economia, Empreendedores, Empresários e Administradores de qualquer tipo de organização, seja ela pública ou privada, pequena, média ou grande, deste ou daquele setor, com esta ou aquela atividade.

*Ana Fialho,
Departamento de Gestão e CEFAGE*



// O REALINHAMENTO DA REALIDADE INTERNACIONAL - LIGAR A SOCIEDADE CIVIL AO CONHECIMENTO

Num momento em que vivemos uma realidade de pandemia COVID-19, deparamo-nos com dúvidas sobre se o mundo se encontrará numa fase de mudanças estruturais e sistémicas. Contudo, no quadro das relações internacionais com implicações nos vetores geoeconómicos do doméstico ao global emerge um potencial realinhamento das principais potências, sendo os Estados Unidos, a República Popular da China, o Reino Unido, a Alemanha, a França e a Itália, derivado das consequências das medidas do estado de emergência, paralisando toda a sociedade civil.

No quadro das Relações Internacionais, cujo objetivo se centrará em conectar dois ambientes, por um lado, a academia com a sociedade civil, pela dinamização de sessões abertas ao público para que possam interagir e dar início à fase de envolvimento do conhecimento fora do seu contexto societal, dado que vivemos em esfera armilar e em conexão de interdependência, onde qualquer acontecimento político, económico, social, turístico, militar/conflitos, termina por deter encaideamentos ora positivos ora negativos.

Precisamente, o papel da investigação na área das relações internacionais e dos projetos, tal como tem vindo a ser desenvolvido, dependendo das linhas de investigação, no nosso Centro de Investigação em Ciência Política (Centro FCT Minho/Évora), pela contribuição inequívoca que tem vindo a ser dada quer em academia quer na sociedade em geral, sobretudo nas análises estratégicas e geopolíticas dos acontecimentos, além do pano de fundo no quadro teórico-conceitual



de teorização política e das relações internacionais, nos quais os resultados apresentados pela vasta experiência dos seus membros, quer a nível europeu quer global, estando o papel das grandes potências, dos quais os EUA e a China. Posteriormente, destacamos a ligação entre a lecionação em UCs como a Ásia e as Relações Internacionais, ou a de Geopolítica, dando oportunidade à sociedade civil pela via de aulas abertas ao saber, para que se saia da realidade virtual por vezes nefasta das redes sociais, impedindo reflexão e a procura da verdade dos factos.

Por último, esta realidade apresenta-se como uma oportunidade de ligar *online* o país com o mundo, sendo que aqui sim se poderá afirmar a mudança paradigmática no setor do ensino e da investigação, onde tudo dependerá de quanto se levará a controlar a pandemia e do interesse ou não em alterar a ordem vigente em ambiente de realismo político, que veio destapar as fragilidades de organizações como a ONU e a União Europeia, além da necessidade de readaptação geoeconómica e ideológica, para dar resposta a crises desta dimensão.

Marco António Baptista Martins,
Diretor de Curso da Licenciatura em Relações
Internacionais e Investigador do CICP

// CONTRIBUIÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA REESTRUTURAR AS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR



Os progressos nas tecnologias de comunicação e de transportes provocou a gradual fragmentação dos processos produtivos à escala global e deu maior eficiência às empresas. A segmentação dos produtos finais em atividades elementares que integram produtos intermédios, renovou o paradigma tradicional das vantagens comparativas dos países, focando agora as suas vantagens competitivas. A organização da produção em cadeias de valor dispersas por vários países gera maior interdependência funcional entre as unidades. Os riscos da gestão da complexidade são maiores, a logística dos fluxos é crítica para a cadeia e para as suas empresas, tornando-se a competitividade um processo de eficiência coletiva.

Com a crise da pandemia do COVID-19 muitos fluxos de produtos intermédios foram interrompidos, gerando a paralisia na engrenagem ao longo da cadeia. As ondas de choque alastraram com implicações socioeconómicas severas, pela redução da produção, do emprego e no declínio do comércio internacional.

As ameaças às cadeias globais de supri-

mentos expõem a vulnerabilidade da interdependência excessiva, mormente perante eventos inesperados com efeitos não controláveis. As respostas para garantir a viabilidade e sobrevivência das cadeias de valor globais passarão pela mitigação dos riscos inerentes à sua exposição a eventos de cariz aleatório.

Uma das vias defendida por setores nacionalistas é o regresso de partes da cadeia de produção aos países de origem, procurando evitar os estigmas decorrentes do fecho das fronteiras. Esta opção tem potencial efeito destrutivo sobre as bases do atual sistema multilateral do comércio internacional. Se todos os países agirem assim, a espiral de retaliações provocará tensão internacional afetando a estabilidade da economia mundial. Logo, o processo de desglobalização reduz a eficácia na afetação de recursos à escala global e aumenta o protecionismo, como ocorreu na Grande Depressão de 1929. Há que aprender com os erros e agir em consequência.

Outra resposta, mais responsável, aponta para o uso de tecnologias da Indústria 4.0, com recurso a soluções de inteligência artificial para mitigar bloqueios nas cadeias de suprimentos. O transporte de bens entre qualquer lugar do globo não é tarefa fácil e os riscos associados têm crescido de forma exponencial. Líderes mundiais de vários setores de atividade recorrem cada vez mais a tais técnicas para remodelar a organização das suas cadeias de produção. A reorganização das atividades dá maior flexibilidade

às mutações que ocorrem na procura de bens e serviços e mitiga os riscos do lado da oferta.

Em virtude da recente interrupção a cadeia de suprimentos de equipamentos de proteção individual, o uso articulado de técnicas analíticas complementares, como o blockchain e a location intelligence, pode atenuar os efeitos das interrupções nos fluxos transacionais. Tais ferramentas, são uma oportunidade para obter vantagens competitivas, dando aos gestores melhor percepção dos riscos perante interrupções num fornecimento. A sua maior vantagem está na escalabilidade e transparência de transações em rede pelo rastreio das entregas de componentes. A técnica regista em tempo real transferências de elementos que se deslocam entre os nós da cadeia, gerindo também as operações contabilísticas das aquisições. Permite ainda atribuir e verificar certificações e propriedades de produtos pela etiquetagem digital e códigos de barras e viabiliza a partilha de informação codificada com fornecedores e outros parceiros.

A par, o uso de tecnologias geoespaciais melhora a informação sobre a dimensão temporal e espacial dos mercados, reforçando a capacidade de avaliar as suas dinâmicas. A oportunidade de estender a técnica de rastreio digital a todos os bens ou transações na cadeia de suprimentos muda a forma como atuamos e interagimos. Como a maioria das transações são validadas por carimbo de data/hora georreferenciado, pode-se rastrear e modelar os pontos de dados passam pelas cadeias de suprimentos

e sistemas de transporte, interagindo e fornecendo a informação para construir um novo conjunto de modelos digitais.

Em suma, a integração de tecnologias blockchain e sistemas de georreferenciação nas cadeias de valor à escala global acresce a eficácia e transparência da gestão e dá-lhe escala. Tais atributos conferem um superior grau de segurança devido à permanente partilha dos registos em base em normas codificadas, as quais podem evitar auditorias dos sistemas de fiscalização institucionais ou mesmo dos processos de controlo interno. Ora, o PACT, enquanto dinamizador do sistema de inovação da nossa região, atrai empresas que difundem a capacidade científica e a nossa ambição global. Suporta a inovação, pela transferência de conhecimento entre investigadores e empresas e interage com a base empresarial, propiciando condições para explorar as inovações permitidas pela inteligência artificial, conforme evidenciámos. É seguramente uma agenda de futuro para o Alentejo e para a Universidade de Évora.

*José Caetano,
Departamento de Economia e Diretor do Mestrado de
Relações Internacionais e Estudos Europeus*

//VOLUNTARIADO JOVEM - UM MARCO CADA VEZ MAIS DECISIVO



Ao longo destas últimas semanas, fruto da atual situação pandémica, todas as entidades públicas e privadas têm procurado reinventar-se e criar novos métodos de trabalho e concretização dos seus objetivos. Também o IPDJ não fugiu a essa regra, tendo assim mantido em normal (se é que há atualmente, alguma coisa "normal") funcionamento todos os seus programas, projetos e apoios em funcionamento.

Recorremos quase totalmente ao teletrabalho e de forma bastante antecipada, preparámos o nosso público alvo (jovens, associações juvenis, clubes e demais entidades) para esta nova realidade. Tudo era novo, mas os resultados têm sido surpreendentes: não detetámos qualquer quebra na concretização da nossa missão tendo, inclusive, sido incrementados os laços que a todos nos uniam.

Mas, numa época de novas ideias, não podíamos ficar apenas dependentes do já existente, concretizando o habitual, apenas modificando metodologias de trabalho!

Na sequência de uma simples e informal conversa com a Diretora da Segurança Social de Portalegre, Dra. Sandra Cardoso, sobre voluntariado e numa altura em que essa era a palavra mais frequente no léxico daqueles que verdadeiramente se interessam pelo bem comum, a ideia surgiu... Amadurecida com os técnicos responsáveis pela área do voluntariado jovem na Direção Regional do Alentejo (Portalegre, Évora e Beja) deste Instituto e depois de contactada a Presidente da Junta de Freguesia de Belver (Gavião), Martina de Jesus e ao mesmo tempo, Vice Presidente da ANAFRE (Associação Nacional de Freguesias), estava formado aquilo que seria o "esqueleto" de um projeto de enorme sucesso de autoria da DR Alentejo do IPDJ: o "APOIO MAIOR".

Através deste projeto, destinado ao apoio às Juntas de Freguesia (o órgão autárquico sempre mais próximo das populações, mas sempre o mais esquecido por todos), seria possível alocarmos jovens voluntários á realização de tarefas simples, mas de uma importância vital, para quem vive sozinho, isolado ou sem possibilidades de deslocação. Por verificarmos que eram os eleitos destes órgão autárquicos que, de forma abnegada, realizavam quase sem quaisquer meios a entrega de compras, medicamentos e outros bens aos mais idosos, telefonavam para aqueles que vivem isolados, por vezes a dezenas de quilómetros da localidade mais próxima ou simplesmente batiam á sua porta para saberem como estava o seu estado anímico, foi ás Juntas de Freguesia que resolvemos dedicar a nossa atenção.



Não que as Câmaras Municipais não sejam merecedoras do nosso interesse, apoio e dedicação (os nossos programas PRID, Voluntariado para as Florestas e OTL são exemplos vivos disso) mas, porque tendo estas entidades publicas outras possibilidades humanas, financeiras e logisticas, foi naturalmente para a Freguesias que olhámos, desta vez, com maior preocupação. Recordo as palavras do Presidente da ANAFRE, Jorge Veloso, o qual, aquando do contacto prévio para a concretização desta colaboração, me disse de forma emocionada: "Este é o verdadeiro apoio que as Juntas e os seus eleitos necessitam. Seremos ajudados para podermos apoiar aqueles que, melhor que ninguém, nós conhecemos. Muito obrigado e bem hajam pela iniciativa!"

Depois e sempre com o apoio de outras entidades publicas, entre elas a Segurança Social, Câmaras Municipais, CIM's, Associações Juvenis, Jovens e Clubes Desportivos, apenas foi necessário colocar em andamento um projeto de voluntariado integrado no programa "AGORA NÓS" do IPDJ. Bastou fazer aquilo que ninguém faz melhor que este Instituto: Mobilizar os jovens!

Naturalmente que não podemos deixar de destacar o apoio, ajuda e impulso que o Conselho Diretivo do IPDJ, restantes colaboradores deste Instituto e o Sr. Secretário de Estado da Juventude e Desporto, Dr. João Paulo Rebelo, deram a esta iniciativa do IPDJ Alentejo. Só assim foi possível colocar no terreno de forma quase imediata esta iniciativa! Não posso deixar de destacar que demorámos apenas três dias entre passar a ideia para o papel, tê-la aprovada pelos órgãos competentes e começarmos a receber as primeiras inscrições de jovens voluntários no nosso portal de programas!

Idealizado inicialmente para a região Alentejo, rapidamente se verificou que as necessidades eram idênticas em todo o país. Aliás, no nosso primeiro contacto, o Presidente da ANAFRE solicitou-nos isso mesmo, a multiplicação deste "APOIO MAIOR" por todo o restante território nacional.

Foi, por isso, de forma extremamente natural que o IPDJ multiplicou esta ação de voluntariado para as regiões do Algarve, Lisboa e Vale do Tejo e Norte.



Prova-se assim que para a resolução dos problemas, nem sempre é necessário inventar algo de novo. Basta reinventarmos os instrumentos que temos á nossa disposição e, de forma concertada, organizada, mas acima de tudo, rápida colocarmos ao serviço da população as sinergias de diferentes entidades.

Não posso deixar de fazer algumas referências especiais. Desde logo aos colaboradores do IPDJ Alentejo que, somando a todo o trabalho que continuavam a desenvolver, arregaçaram as mangas e, mesmo trabalhando em horários inusitados (chegaram a responder a mails, pedidos de esclarecimento e resolução de problemas informáticos a altas horas da madrugada, nos feriados e fins de semana), fizeram deste desígnio um dos seus principais objetivos!

Depois à ANAFRE e aos seus associados, executivos, membros das assembleias de freguesia e funcionários. Foi gratificante verificar que, numa altura em que as suas populações precisavam da mão amiga e da disponibilidade de todas as instituições, foram eles que deram a cara e foram um dos mais importantes rostos desta iniciativa. A disponibilização de equipamentos de proteção individual aos jovens voluntários foi importante e decisiva mas, mais ainda, a sua disponibilidade total (também eles sem horários...) terá sido o fator chave para o sucesso! Este sucesso foi tal que levou a que a Vice-Presidente do IPDJ, Dra. Sónia Paixão, bem como uma das jovens voluntárias deste projeto, a elvensê Ana Sofia, fossem entrevistadas na RTP1.

Por último, talvez a palavra de agradecimento mais importante. Aquela que temos que dirigir aos jovens voluntários. De facto, verificávamos que a sociedade em geral e os jovens em particular se estavam a mobilizar para participar nesta gigantesca tarefa de combate a uma pandemia pouco conhecida e de resultados pouco previsíveis no seu início.

Sabíamos que estavam a ser criados grupos informais, de uma abnegação e entrega fantásticas e com uma vontade férrea de ajudar o próximo. No entanto, em momentos como este, a palavra chave é, para nós, esta: Organização! Não é possível fazer seja o que for sem formação, neste caso ministrada *online* pelos Enfermeiros do Centro de Saúde de Monforte, da ULSNA - Unidade Local de Saúde do Norte Alentejano - nem organização concertada, situação assegurada pelo IPDJ em colaboração com a ANAFRE. Assim, com formação, protegidos com os indispensáveis EPI's, organizados, com a certificação de participação através do "PASSE JOVEM" do IPDJ e com a disponibilidade total de algumas centenas de jovens, foi possível levar a cabo esta grandiosa tarefa, disponibilizando tempo, para quem precisa disso mesmo, do nosso tempo! Porque, mais cedo ou mais tarde, todos precisaremos do tempo de alguém...

Para que num futuro próximo, estes jovens tenham o orgulho de, para além de ostentarem no seu *Curriculum Vitae* a certificação, através do "PASSE JOVEM" do IPDJ, da sua participação neste projeto de voluntariado jovem "APOIO MAIOR" (quase tão importante como a formação académica de cada um), possam dizer que quando foi preciso "Eu estive lá!".

E, uma vez que está agora provado que nunca saberemos como será o dia de amanhã, talvez volte a ser necessário arregaçarmos todos as mangas!

Miguel Rasquinho,
Diretor Regional do IPDJ

// COVID-19: O PAPEL DA TECNOLOGIA NA RESPOSTA DA UNIVERSIDADE UNIVERSIDADE DE ÉVORA NA COMUNIDADE

Por detrás da continuidade dos negócios e serviços críticos durante o estado de emergência está invariavelmente a tecnologia, dos servidores às redes que suportam não só as aplicações e sistemas, mas igualmente as comunicações. Uma infraestrutura muitas vezes invisível, mas indispensável sem a qual as mudanças radicais do modo de funcionamento das organizações não teriam sido possíveis. Mas não nos podemos esquecer dos técnicos e dos especialistas, que nas mais diferentes áreas trabalham, mesmo remotamente, para que tudo continue a funcionar e sobretudo para que as infraestruturas e serviços consigam dar resposta a uma maior e mais diversa exigência dos utilizadores.

Dos contactos que vou tendo com colegas de outras Instituições de Ensino Superior, das grandes às pequenas, penso que a Universidade de Évora, nomeadamente através da "TaskForce COVID-19" criada face à pandemia, teve uma abordagem muito prática, pragmática e eficaz em resposta às situações que foram surgindo, numa estreita articulação entre Unidades, Órgãos e Serviços. Considerando que o grande impacto se verificou com a declaração do estado de emergência e com a imposição de normas rigorosas de confinamento, estas resultaram em duas medidas fundamentais:

- A adoção do regime de **teletrabalho** nos casos em que tal fosse possível, em particular atividades de carácter administrativo;
- A adoção da modalidade de **ensino a distância** para as atividades académicas.

Estas tiveram um impacto significativo nos Serviços de Informática, nomeadamente nas comunicações de voz e dados, nas soluções de videoconferência, nas infraestruturas, nos sistemas e aplicações, mas também no apoio.

Avaliando esse impacto, podemos concluir que a Universidade, os seus utilizadores, as suas infraestruturas e os seus sistemas tiveram um excelente desempenho e uma resposta muito positiva! Não só pela rapidez como evoluímos para uma realidade completamente diferente (houve Universidades que suspenderam a sua atividade durante alguns dias para prepararem o processo de transição) sem interrupções de serviço, sem atrasos ou perturbação da atividade como também pela capacidade de adaptação dos nossos utilizadores, quer do pessoal docente quer não docente e mesmo dos nossos alunos. Na minha opinião tal é resultado das opções tomadas nos últimos anos no que concerne à adoção de soluções próprias (caso do SIIUE e do GesDoc) desenvolvidas internamente), de soluções comerciais num modelo de parceria com os fornecedores (caso do SIAG) ou open-source (caso do MOODLE) que nos deram grande autonomia e capacidade de gestão e adaptação sem estarmos dependentes de terceiros. E este modelo permitiu uma enorme taxa de utilização e de desmaterialização de procedimentos, sobretudo nas áreas académica e administrativa. Espanta-me ouvir colegas de grandes Universidades referirem que com esta mudança para o ensino a distância os seus professores tiveram, muitos deles, de utilizar o MOODLE pela primeira vez quando na Universidade de Évora

já há vários anos que esta plataforma é usada por mais de 80% dos docentes, ainda que com graus de utilização distintos.

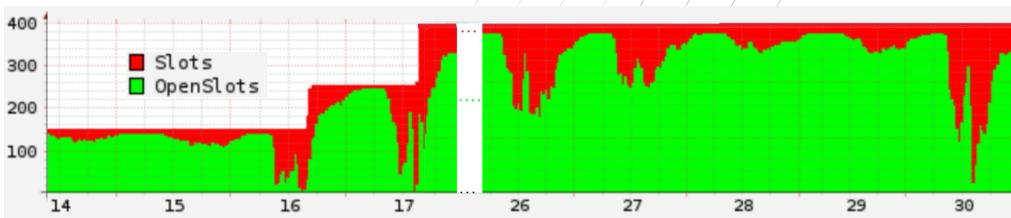
Mas importa realçar que esta "transição suave", praticamente sem interrupções também foi conseguida graças ao apoio que foi prestado:

- Na disponibilização de portáteis quer para trabalhadores ou mesmo para alunos carenciados e nalguns casos assegurando-se o acesso à internet, no apoio aos trabalhadores que levaram os seus computadores para casa, assegurando a ligação dos mesmos permitindo assim que prosseguissem o seu trabalho;

- Na adequação dos sistemas, em particular o SIIUE e o GesDoc, ao teletrabalho, facilitado pelo facto de todas as nossas soluções se basearem em interfaces "web";

- Na reconfiguração das centrais telefónicas, do sistema de atendimento automático, na disponibilização de telemóveis de serviço e no reencaminhamento de extensões;

- Na permanente monitorização das infraestruturas, nomeadamente a capacidade em disco, memória e processamento dos servidores¹, que se tornaram ainda mais críticas pois delas depende agora a "performance" dos sistemas. Ilustra-se na figura abaixo o upgrade do servidor MOODLE que estava no início de Março dimensionado para processar 150 pedidos em simultâneo. No dia 16 foi aumentada essa capacidade para 250 e no dia seguinte para 400 pedidos, valor que se mantém atualmente e que mesmo assim regista períodos de utilização perto os 100% da capacidade de processamento, como se verificou no dia 30 de março;

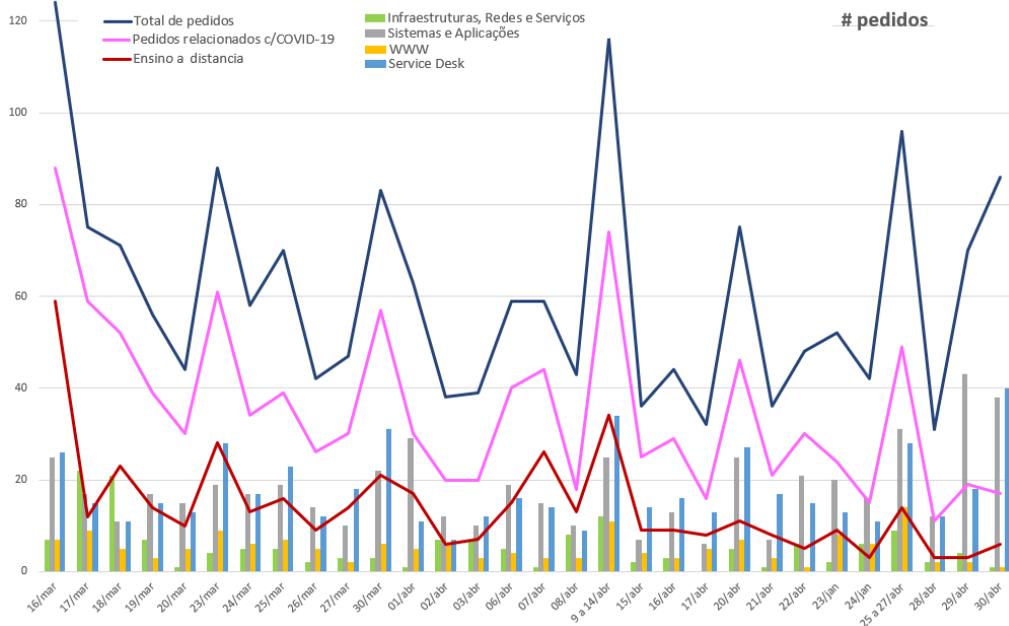


- Na reorganização do nosso apoio técnico, na criação de novos números de contacto, na reformulação da página dos Serviços (<https://www.si.uevora.pt/servicos/Apoio-Tecnico>), disponibilizando de forma simples e clara a informação indispensável para os nossos utilizadores;

- No reforço das medidas de segurança, considerando que o acesso remoto às infraestruturas e sistemas da Universidade aumenta a probabilidade de "ciberataques", mantendo a devida articulação com a Rede Nacional de CSIRTs, de que os Serviços de informática são membro.

¹Também ao nível das infraestruturas, a opção pela virtualização e pelo reforço das competências dos nossos especialistas nesta área veio aumentar e flexibilizar a nossa capacidade de resposta face às exigências e criticidade da atual utilização de recursos tecnológicos

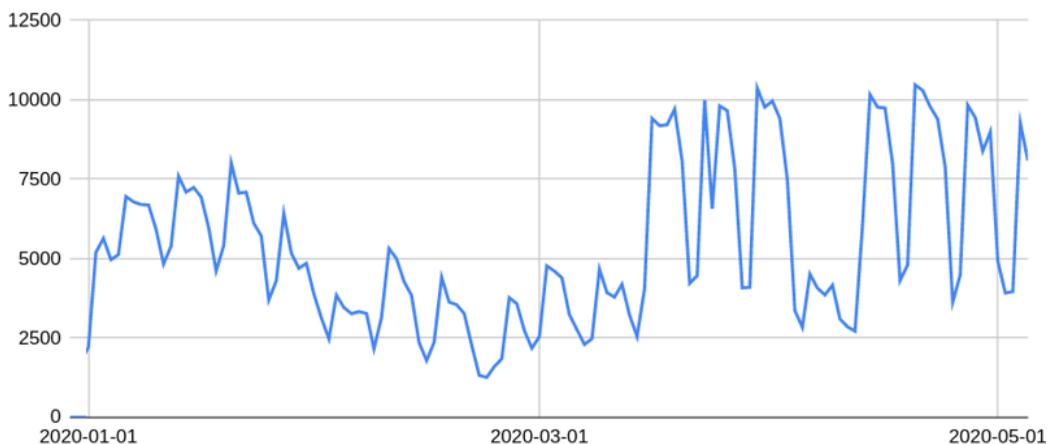
E tudo isto mantendo o apoio normal, o que se evidencia pelos números dos pedidos nas várias áreas, registados entre os meses de Março e Abril. No gráfico identificam-se os pedidos por área de intervenção, o total de pedidos e destes os que estão diretamente identificados com a pandemia verificando-se na sua relação direta com os pedidos relacionados com o "ensino a distância" que evidenciam um aumento muito significativo face aos meses anteriores.



Importa destacar o apoio que foi assegurado à transição para o ensino a distância:

- Reforçou-se o apoio ao MOODLE e ao ZOOM através de contatos telefónicos diretos;
- Criaram-se diversos guias, tutoriais e vídeos de ajuda para as várias ferramentas disponibilizadas, em particular MOODLE, ZOOM e Educast ([ver aqui](#));
- Criou-se uma área MOODLE (**Ferramentas tecnológicas para o ensino a distância**), especificamente a divulgação permanente de guias e demonstrações;
- Em articulação com a Vice-Reitoria disponibilizaram-se conteúdos no Portal da Universidade dirigidos aos [docentes](#) e [estudantes](#);
- Realizou-se um *webinar* sobre os **testes no MOODLE** ([ver aqui](#)) em que participaram cerca de 200 professores;
- Instalaram-se novos módulos no MOODLE, nomeadamente um **editor de fórmulas matemáticas e químicas**;
- Implementou-se uma solução de **proctoring**, integrada com o MOODLE tendo em vista a realização de forma segura e confiável de avaliações *on-line*.

Como já foi referido, o maior impacto da pandemia verificou-se na rápida mudança para um regime de ensino não presencial e que se ilustra no gráfico abaixo. Verificou-se uma duplicação dos acessos ao MOODLE desde a declaração do estado de emergência, para um total de 9393 utilizadores ativos, dos quais 670 professores representando quase a totalidade da comunidade académica bem como mais de 2000 áreas MOODLE correspondendo a mais de 90% das UC's oferecidas no ano letivo 2019/20.



A nível nacional, registou-se um crescimento exponencial na utilização do **ZOOM/Colibri**, passando-se de uma média inferior a 100 reuniões por dia, com menos de 800 utilizadores diários para um número diário de reuniões/aulas superior a 9.500 com mais de 200.000 participantes/dia. No total dos meses de Março e Abril registaram-se cerca de 180.000 reuniões/aulas para um total de 3.960.005 utilizadores, tendo-se verificado um decréscimo em Abril em virtude do período de férias escolares.

Em relação ao **Educast**, só no mês de Março foram produzidos 2.748 videos e no final de Abril registam-se já cerca de 7000 quando durante todo o ano de 2019 se produziram apenas 2.179 videos! Foram registados mais de 20.000 novos utilizadores e contabilizaram-se mais de 200.000 visualizações.

Importa ainda referir que a atividade dos Serviços de Informática em resposta à COVID-19 não se limitou à Universidade. Assim, presidindo a Universidade de Évora à [Metared Portugal](#) e contando com o apoio do Centro Nacional de Cibersegurança, da Fundação para a Ciência e Tecnologia e da Unidade de Computação Científica Nacional, promoveram-se nas últimas semanas três *webinars* subordinados aos temas do [ensino à distância](#), [segurança dos acessos remotos](#) e [resposta dada pelas Instituições do ensino Superior face à pandemia do COVID-19](#). No total contámos com mais de 600 participantes de cerca de 70 IES e em particular neste último *webinar* tivemos a participação do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, do Conselho Diretivo da FCT e dos Presidentes do CRUP, CCISP e APESP.

Podemos pois concluir que a resposta muito positiva da Universidade à pandemia da COVID-19 veio demonstrar que as soluções tecnológicas adotadas ao longo dos últimos anos e a estratégia de apostar em soluções open-source, na sua maioria desenvolvidas internamente, a parceria com entidades especializadas nas respetivas áreas e sobretudo o reforço de competências técnicas internas com o foco na qualidade do serviço prestado e nas necessidades dos nossos utilizadores, se relevou acertada. Estávamos preparados e a nossa reação foi quase imediata, sem interrupção de serviços e sem qualquer quebra de atividade. Assim, perspetiva-se a continuidade desta estratégia para o futuro, emergindo talvez o teletrabalho e apostando-se ainda mais na formação, nas plataformas colaborativas, na cibersegurança, no reforço das infraestruturas virtualizadas, nos serviços cloud e sobretudo na consolidação e desmaterialização de procedimentos.

Não será uma "nova realidade", mas sim uma realidade que já existia e que passará a ver vista com um "novo olhar".

*Joaquim Godinho,
Diretor dos Serviços de Informática da Universidade de Évora*



// O QUÊ? VAMOS PARA TELETRABALHO?



Fomos todos apanhados mais ou menos de surpresa com tudo isto, isolamento profilático, confinamento social, estados de emergência, assistência à família, aulas síncronas, telescola, teletrabalho. Somos pais, somos filhos, somos trabalhadores e temos que, numa situação desta natureza, conseguir gerir com sensatez todas as tarefas que nos esperam e que esperam de nós.

Foi uma tarefa difícil, mas que nos trouxe algumas - bastantes - mais valias.

Apesar de sermos uma equipa pequena, trabalhar em casa e manter uma equipa focada, motivada e empenhada não foi fácil, mas foi desafiante e gerador de uma experiência muito positiva.

Não descobrimos a pólvora, aliás existem vários estudos que apoiam o teletrabalho e que tentam facilitar a vida a quem faz disto profissão, simplesmente nos adaptámos.

No nosso caso, foram desenvolvidas algumas estratégias para tentar - pelo menos em teoria - facilitar a vida a todos e facilitar a adaptação. Há especificidades na

nossa equipa como haverá em todas as equipas e tudo isso foi tido em conta.

Foi decidido que nos reuníamos duas vezes por semana para nos vermos - em primeiro lugar -, para podermos falar do que nos preocupava e para discutirmos tarefas e formas de trabalhar. Os membros do gabinete fizeram planos de trabalho no início de cada semana e o balanço das mesmas no início da semana seguinte, com o objetivo de manter o foco e de delinear objetivos semanais exequíveis (para manterem a motivação e para afastarem o desânimo), e para se organizarem em casa, tendo em conta as exigências do momento. Foi mantido um contacto permanente entre todos.

Demos resposta, encaminhámos e resolvemos as solicitações que nos foram chegando, através de emails, de contactos telefónicos e das plataformas virtuais que tínhamos à disposição e onde ficámos todos experts!

O contacto virtual aproximou-nos ainda mais, somos mais coesos e estamos mais que nunca empenhados no que fazemos.

Essa coesão permitiu-nos ir mais além e dis-

cutir muito do futuro do gabinete. O passo seguinte foi propor estratégias de divulgação do GAITEC, através do virtual, para que continuassem as sinergias com os nossos públicos.

Esquematzámos uma campanha digital junto de empresas para divulgação aos nossos alunos para potenciar a empregabilidade, vamos apostar na presença do gabinete nas redes sociais, fizemos reuniões com potenciais parceiros e recolhemos muitos e profícuos contactos para o futuro.

Desenvolvemos um plano de atividades alternativo ao inicial, onde serão privilegiadas algumas iniciativas que não as presenciais, porque isto tudo sem públicos não funciona. Integrámos estratégias que inicialmente nos pareciam desgarradas, mas que fazem sentido ser articuladas para funcionarem melhor. Pudemos ajudar alunos em relação aos seus estágios e à incerteza dos recomeços. Não descurámos tudo o que já fazíamos antes no gabinete, simplesmente adaptámos o trabalho a esta nova realidade.

A nossa missão não foi esquecida em momento nenhum, o momento é que foi adaptado à missão para que resultasse.

Se estamos todos cansados? Estamos sim, - porque o teletrabalho é trabalho na mesma -, mas desalentados nunca e prontos para seguir em frente.

Esperamos que este pequeno regresso à normalidade se faça em segurança e com sucesso, mas se tivermos que retroceder em qualquer momento, estaremos cá deste lado para vos apoiar no que for preciso!

*Valentina Castro,
Coordenadora do GAITEC*



//COMUNICAR NUM MUNDO VIRADO DO AVESSO



Lidar com a imprevisibilidade e a incerteza associadas a situações de crise que afetam o regular funcionamento das instituições é exigente, mas verdadeiramente desafiante é a gestão da crise, num espaço público que também foi afetado e num ambiente profissional igualmente atípico. É isso que temos feito nos últimos meses.

A pandemia de COVID-19 lançou-nos, abruptamente, para uma época em que é preciso gerir de forma multidimensional e agir com base em cenários que se definem pela sua contingência. Se por um lado esta situação envolve riscos acrescidos ao nível da comunicação, configura, por outro, oportunidades para uma área cujos padrões habituais de atuação exigem versatilidade, plasticidade, criatividade e adaptabilidade, justamente características que passaram a ser demandadas a todos os setores da Sociedade, postos à prova pela pandemia.

De facto, encontrar soluções, avaliar resultados e propor novas abordagens são ciclos que se sucedem em comunicação, numa permanente adaptação para obter, progressivamente, respostas mais efetivas, desenhadas à medida de cada público, de cada instituição, de cada momento. É estimulante comunicar em tempos de mudança: significa acelerar estes ciclos de reinvenção. E é já evidente que os ambientes digitais passaram a constituir uma inevitabilidade; a pandemia veio acelerar a implementação, quase generalizada, de uma das tendências dos últimos anos. Estar presente virtualmente passou a ser, mais do que determinante, vital para as instituições. Vislumbra-se, assim, uma trajetória para a comunicação num mundo que o Coronavírus virou do avesso.

Em 2020 vivemos, ainda incrédulos, num inóspito novo mundo, onde o frenesim diário das grandes cidades deu lugar ao silêncio aparentemente paralisante. Apenas aparentemente. Historicamente sabemos que é a partir da rutura que se constrói, que se recomeça, que se renova. As marcas prevalecerão na história, é certo, independentemente da extensão que futuramente revelem. Certo é que o mundo, tal como o conhecemos, não voltará a ser o mesmo. Nem a comunicação.

*Andreia Rosa,
Chefe da Divisão de Comunicação da Universidade de Évora*

//EM QUE PODE O GAITEC AJUDAR-ME?



Se estás fora da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >>Necessita estabelecer uma relação de parceira entre uma entidade e a Universidade de Évora;
- >>Tem uma empresa e pretende recrutar colaboradores ou estagiários;
- >>Tem uma empresa e quer recrutar estudantes da Universidade de Évora;
- >>Pretende fazer uma ligação com os investigadores e tomar conhecimento das inovações feitas.



Se é investigador ou docente da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >>Tem alguma invenção;
- >>Quer proteger ou valorizar a sua propriedade intelectual;
- >>Quer esclarecer dúvidas sobre patentes;
- >>Quer participar num programa de inovação;
- >>Pretende avaliar se é possível ver negócio onde apenas vê ciência;
- >>Quer criar uma empresa com base em tecnologia desenvolvida na Universidade;
- >>Conhece uma empresa que ofereça desafios aos investigadores da Universidade ou interessada em receber conhecimento produzido na Universidade.



Se és estudante da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >>Tens dúvidas sobre processos de recrutamento, estágios ou preparação da carreira profissional;
- >>Queres desenvolver as tuas *soft skills*;
- >>Pretendes realizar um estágio extracurricular ou de verão;
- >>Queres candidatar-te a uma bolsa de estágio profissional;
- >>Queres encontrar o teu 1º emprego.



//EM AGENDA...



**Born from
Knowledge
Rise**

>>Bootcamp (#3) virtual (21, 22, 25 e 26 de Maio)

Nos 3 Bootcamps são abordadas questões de mercado, validação de produto/serviço, proteção do conhecimento e potencial de negócio.

Portugal Ventures

>>WEBINAR da CALL INNOV-ID (<https://www.portugalventures.pt/calls/call-innov-id/>)
20 de maio pelas 15:00h com a apresentação da iniciativa e espaço para Q&A-

>>AS EMPRESAS VÊM ATÉ TI

Divulgação quinzenal online das empresas (serviços, ofertas de emprego e estágios)

>>1 MUNDO DE OPORTUNIDADES (PODCAST)

Divulgação semanal online dirigida a todos os públicos com novas oportunidades e novidades que o GAITEC tem nessa semana

>>EIT HEALTH - SUMMER SCHOOL

6 de julho no CES dirigido a alunos do Ensino Secundário englobado nas Summer Schools da Universidade.



>>In3+ Um Milhão para a Inovação

Prazo para apresentação das candidaturas - 15 de julho

Prazo para avaliação das ideias pelo júri - 30 de setembro

Cerimónia de apresentação das ideias vencedoras (previsivelmente em Outubro)

<https://premioin3mais.pt/>



>Prazo de submissão de trabalhos estendido até dia 22 de maio

<https://gracept.wixsite.com/academiagrace>



GABINETE DE APOIO À INOVAÇÃO, TRANSFERÊNCIA,
EMPREENDEDORISMO E COOPERAÇÃO
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Contactos

Largo Sr.^a da Natividade
7000-810 Évora
gaitec@reitoria.uevora.pt
<https://www.uevora.pt/innovar>

Procure o GAITEC nas redes sociais



Ficha Técnica

Título | TREZE
Coordenação | Reitoria da Universidade de Évora - GAITEC
Edição | Paulo Infante
Design e fotografia | Divisão de Comunicação